

Que Moacyr Scliar foi um exímio contador de histórias não é novidade para ninguém; eu quero, hoje, aproveitando este evento em sua homenagem, destacar outro aspecto desse notável escritor: sua coragem em abordar temas e situações potencialmente constrangedoras.

No simpósio realizado na USP em 30 de março, eu tive a oportunidade de assinalar que em algumas obras de ficção Scliar convida os leitores ao que eu chamei de “passeio pelos porões do judaísmo”. Nestas obras, ele atualiza episódios da história judaica que não são exatamente motivo de orgulho para o povo judeu. Usei, como exemplo, o conto “A balada do falso messias”, de 1976, onde são expostos o misticismo e a credulidade das massas judaicas – tantas vezes levadas a condições de desespero - que as tornavam vítimas fáceis dos chamados “falsos messias”, como David Reubeni no século XVI, Jacob Frank, no século XVIII, e, principalmente, Shabtai Zvi na Palestina do século XVII, movimento messiânico esse que se alastrou por toda a Europa, chegando até mesmo à Holanda e com grande penetração na Polônia e no norte da África, e que deixou sequelas significativas.

Para ventilar esses “porões”, Scliar se vale de seu enorme talento para a sátira social. No conto, os colonos judeus, que num primeiro momento tinham se empolgado com o projeto de voltar para Sião e reconstruir o Templo, sob a liderança de Shabtai Zvi e Natan de Gaza, inaugurando assim a era messiânica, acabam optando por se mudar para Porto Alegre para enriquecerem no comércio. Shabtai Zvi, por sua vez, termina seus dias na mesa de um bar, transformando vinho em água, invertendo as passagens dos Evangelhos em que Jesus transforma água em vinho.

Com o lançamento, agora, do livro *A nossa frágil condição humana* pela Companhia das Letras, que reúne “crônicas judaicas” organizadas por Regina Zilberman, constatamos que também nesse gênero Scliar não hesitava em “incisar abscessos” para os quais o dia-a-dia chamava sua atenção.

Este procedimento pode ser verificado em várias crônicas. Em muitas delas, Scliar, sem em nada diminuir sua admiração e apoio incondicional à existência do Estado de Israel, aponta para atos do governo de Israel que merecem reparos.

Na crônica “Uma lição para todos nós”, de 17/04/1982, Scliar alerta: “Nas mãos de um líder carismático como Begin, o Holocausto se transforma num poderoso instrumento de mobilização da paranóia e, indiretamente, de manutenção do poder”.

Em “Das ruínas de Beirute”, de 22/08/1982, tratando do envolvimento de Israel na primeira guerra do Líbano, Scliar alerta que a obra dos pioneiros, que no início do

século vinte se dirigiram para Israel para fundar *kibutzim* “movidos por uma convicção ética e política”, começa a apresentar sinais de degeneração.

Na crônica “Diário de bordo”, de 19/02/1984, Scliar volta ao tema e não contém sua indignação, adotando o tom de voz dos profetas bíblicos para bradar: “A guerra do Líbano é uma guerra suja, uma guerra desgastante, um tiro pela culatra. A ambição de um caudilho transformou o que deveria ser uma operação policial militar num confronto de enormes proporções e, o que é mais grave, extremamente discutível do ponto de vista moral”.

Há também crônicas que não têm como alvo atos do governo de Israel. Em “Barco na correnteza”, de 09/08/1978, por exemplo, Scliar chama a atenção para a existência, na Jamaica, na época do tráfico de escravos capturados na África, de traficantes judeus.

Em outra crônica, Scliar, ele mesmo médico, critica atos de seus colegas de profissão. Em “Médicos e monstros”, de 20/08/1997, lembra que a data remete ao quinquagésimo aniversário da decisão do Tribunal de Nuremberg de condenar 23 médicos nazistas por participação em atividades de genocídio. “Diante da enorme quantidade de pessoas indefesas,” diz, “a medicina [nazista] optou pela extrema crueldade das experiências sem sentido, da tortura impiedosa, das câmaras de gás”. E observa, muito oportunamente, que esses procedimentos não foram exclusivos dos médicos nazistas. “No Alabama,” reporta, “médicos deixaram de usar a penicilina em pacientes negros com sífilis para observar como evoluiria a doença não tratada”. Mas não deixa por menos: conclui equiparando o comportamento de alguns médicos brasileiros durante o regime militar ao dos médicos nazistas: “Uma experiência que os médicos da ditadura, por exemplo, herdaram e que praticaram – inclusive aqui no Brasil – até muito pouco tempo”.

Esta lista, por certo, poderia se estender por muitas e muitas páginas, considerando-se a excelência de tantas das crônicas de *A nossa frágil condição humana*. Mas acredito que os exemplos indicados são suficientes para enfatizar a enorme coragem moral de Moacyr Scliar, que sempre pôs sua escrita a serviço das causas que julgava eticamente defensáveis.